

Cores da liberdade

Ainda só tinham tocado as primeiras seis badaladas do dia quando nos arrastaram lá para fora, à chuva, com apenas um pijama listrado sobre a pele e um estranho café no estômago.

Quando ainda era livre, alimentava-me a meu belo prazer. Muita fruta e legumes brotavam no meu prato como por magia. Vinhos vindos da Itália e arredores saciavam o meu paladar. Agora, se conseguisse arranjar uma batata, era uma sorte.

Fui separado das minhas nove filhas e da minha mulher. O meu único filho nem chegou a conseguir sair da aldeia. Lá no céu, espero que me esteja a guiar pelos bons caminhos de Deus.

Como estava a dizer, estava uma manhã chuvosa e cinzenta. Antes de iniciarmos o dia, formámos, muito alinhados e calados, para não nos matarem. Noutros dias, o encarregado do recinto, no alto da sua cabine protegida com vidros fortes (devia ter medo que uma doença chamada Judaísmo se lhe pegasse) gritava o quão vergonhoso é praticarmos a nossa religião e outras atrocidades desgastantes. Mas, naquele dia, foi diferente.

Estavam todos muito agitados e atentos. Entendíamos que algo não estava certo e, só para mim, rezei para que os alemães perdessem a guerra. Como nunca aprendi alemão, não prestei grande atenção ao que se estava a discutir. Mais tarde, um dos meus parceiros de cama explicou-me que quem fosse visto a andar, seria aniquilado no momento. Não nos disseram o porquê.

Desde que cá cheguei, há cerca de seis meses, trabalho na “limpeza” das câmaras de gás. No início foi um grande choque ver tantos corpos estendidos

e sem vida numa única sala. Sala esta que apresentava uma forma retangular e com pequenos orifícios no teto.

Não havendo almoço, tive que correr que nem uma gazela para o meu segundo trabalho nos aposentos de um general, Schleswig-Holstein. Talvez por ter pena de mim, quando chego atrasado, em vez que me castigar, dá-me papel e canetas e pede-me que escreva. Apesar de escrever sem qualquer coesão e correção, tenho boas ideias. Em parte, escrevo porque me imagino a interpretar cada personagem, mas tenho medo que, se escrever o que realmente sinto, Holstein me castigue a sério. Por isso, quando tenho que lhe entregar algo, escrevo sobre o quão justo é estar a sofrer por ser judeu e como o Führer está certo.

Ora estava eu a ir de novo para o turno da noite nas câmaras quando, no breu da noite, avisto holofotes ou algo do género no céu. Não sabia o que era, mas, logo de seguida, fazem-se soar estrondos, uma coisa louca. Soldados SS por todo o lado, empunhando armas que eu já tinha limpado inúmeras vezes: Mauser's C96, Karabiner's 98K, Sturmgewehr's 45... Dei por mim escondido atrás de um dos barracões, a morrer de medo. E rezei.

Rezei por mim, pela minha família desaparecida, pelos meus irmãos judeus.

A troca de tiros, subitamente, extinguiu-se. No braço de um dos soldados, erguia-se uma bandeira estranha azul e vermelha. Soube, então, que estava livre. Aliás, estávamos livres.